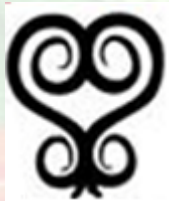


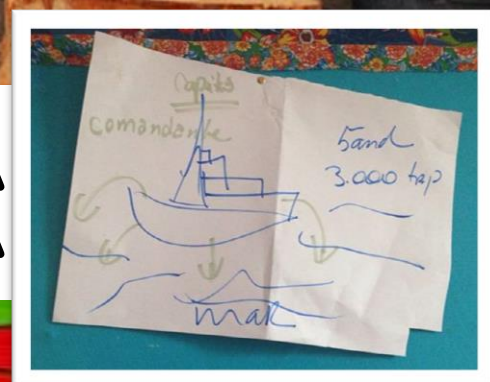
CARTOGRAFIA SOCIAL DAS COMUNIDADES AFRODESCENDENTES EM CAMPINAS - SP



Comunidade Jongo Dito Ribeiro



**FASCÍCULO III: O TERRITÓRIO NA
PERSPECTIVA DA AUTONOMIA**





*“No tempo que vovô era pequeno ele dançava
jongo pé descalço no terreiro...
Hoje também danço jongo no terreiro,
Mantendo a tradição do Jongo Dito Ribeiro...”*

Fonte: Ponto da Comunidade Jongo Dito Ribeiro





Participantes das Oficinas

Alessandra Ribeiro
Bianca Lúcia Ribeiro
Dandewara
Felipe Dhamas
Flávia Machado
Flávia Tamires
Juliana Ribeiro
Lucas Silva
Maíra Silva
Maria Alice Ribeiro
Oluandeji
Vanessa Dias

Coordenação Geral do Projeto

Profa. Dra. Vera Lúcia dos Santos Placido
Docente da Faculdade de Geografia e extensionista da PUC-Campinas

Equipe de Pesquisa

Letícia Caroline de Oliveira
Maurício Corégio da Silva
Discentes da Faculdade de Geografia e bolsistas de extensão

Cartografia

Maurício Corégio da Silva

Projeto Gráfico e Editoração

Letícia Caroline de Oliveira

Fotografias

Profª. Dra. Vera Lúcia dos Santos Placido
Acervo da Comunidade Jongo Dito Ribeiro
Letícia Caroline de Oliveira
Maurício Corégio da Silva

Editora:

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas. Rodovia Dom Pedro I, Km 136.
Parque das Universidades, CEP: 13086-900

ISSN 2527-2381

SUMÁRIO

Apresentação

Processos e Estratégias...

Repensando a gestão...

Repensando os projetos...

Mapa mental: Significando os projetos

Mapa mental: Resignificando os projetos

Parceiros dos projetos...

A importância da Cartog...

Plano para curto, médio...

A autonomia como...

APRESENTAÇÃO

Fruto de um projeto de extensão intitulado Cartografias Sociais da Comunidade Afrodescendente de Campinas, SP, aprovado para o biênio 2016-2017 pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Pontifícia Universidade Católica – PUC-Campinas, a Cartografia Social chegou na Casa da Cultura Fazenda Roseira em meados de abril de 2016. Na ocasião, aspirava-se cartografar a comunidade enquanto expressão cultural afrodescendente, de reconhecida importância nacional e internacional, conforme rezava os objetivos do projeto.

No entanto, ao iniciar as oficinas percebemos que não se tratava de um grupo social apenas, estávamos imersos em uma comunidade que, ao reconhecer a importância da ancestralidade em suas vidas, se enche de vigor e de certezas na busca por algo que sabe ter direito. Assim, desde o quintal da Casa da Dona Maria Alice até a Fazenda Roseira, esta comunidade se refez em suas estratégias de luta, soube dialogar e abrir espaços na sociedade a partir do momento que mostrava que queria desenvolver projetos e não apenas ações pontuais, buscou-se politizar entendendo a política como o ato de o sujeito ressignificar o seu papel e enxergar como e onde colaborar numa sociedade que se faz tão desigual. Ao longo desses anos, sem perder a tradição, se aproximou das Universidades e, cada integrante a seu tempo, foi se graduando em diversos cursos e, alguns deles, partiram para a Pós-Graduação e hoje são mestres e doutores. Trata-se de uma comunidade que não é o Jongo como algo que ela expressa no momento da roda; trata-se de uma comunidade que é o Jongo aonde está, porque o Jongo é atitude, é a forma como se organiza, é a forma como projeta o futuro, é o seu meio e modo de vida.

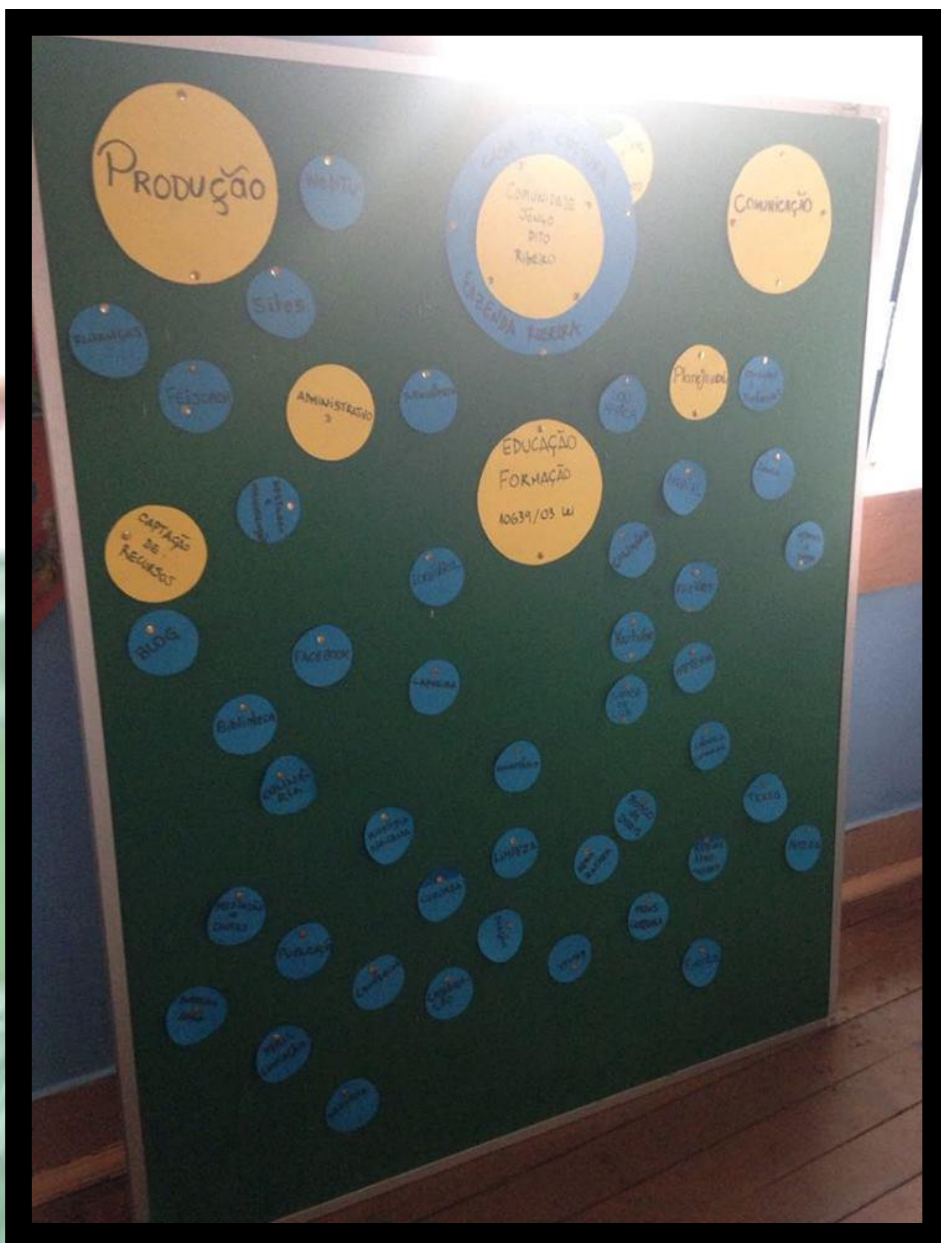
Diante desta riqueza que o Jongo representa para a nossa cultura, a Comunidade Jongo Dito Ribeiro se lançou ao chão para entender o território que ocupa. Percebeu a rede territorial na qual está inserida, mapeou suas demandas sociais, mapeou a propriedade na perspectiva de registrar aonde acontece cada ação que desenvolve, mapeou seus parceiros na rede e registrou o que pensa como autonomia a partir de todo esse processo que fecha o seu ciclo em dezembro de 2017.

Assim, a autonomia que aqui se registra não é um conceito na qual a cartografia social ofereceu o tratamento técnico; a autonomia que se revela nesse Fascículo é fruto de um processo de dois anos de trabalho que partiu da identidade da Comunidade chegando à sua projeção para o futuro que se faz no presente, seja porque ele é conhecido por todos do coletivo, seja porque conhece o território em que esse futuro se revelará.

Desta forma, esse Fascículo revela uma fascinante viagem, como se ela tivesse acontecido em um barco que, ao longo da trajetória, pessoas embarcaram e algumas também saíram, mas, cada qual deixando o seu registro e a sua marca. Esta viagem está registrada da seguinte forma: na primeira parte, traz o título: **da estratégia inicial à estratégia da gestão compartilhada**, apresenta os mapas mentais dos diferentes momentos de gestão para a comunidade e de como a consciência territorial se tornou consiliência nesse processo; a segunda parte, designada como **“a cartografia social dando voz a autonomia...”** é um memorial em que vários testemunhos apresentam como se viram sujeitos nessa viagem em que o conhecimento do território se torna a principal ferramenta para a gestão compartilhada e para a autonomia para o curto, médio e longo prazos; por último, em **palavras finais**, se fecha um ciclo que, na verdade se abre, ou seja, para aqueles que se interessam pela cultura brasileira, pelo entendimento de como diferentes povos aqui chegaram e aqui se refazem cotidianamente, para aqueles que acreditam que vozes caladas podem falar e, ao fazer isso, o fazem com a autoridade da História, para esses este trabalho não finaliza.... apenas acena novas possibilidades de continuar a caminhada....

Processos e estratégias da gestão compartilhada...

“Teve ano que nossa prioridade foi buscar parceiros no território, teve ano que a nossa prioridade foi a diversidade. A prioridade foi mudando...” Alessandra Ribeiro



Repensando a gestão...

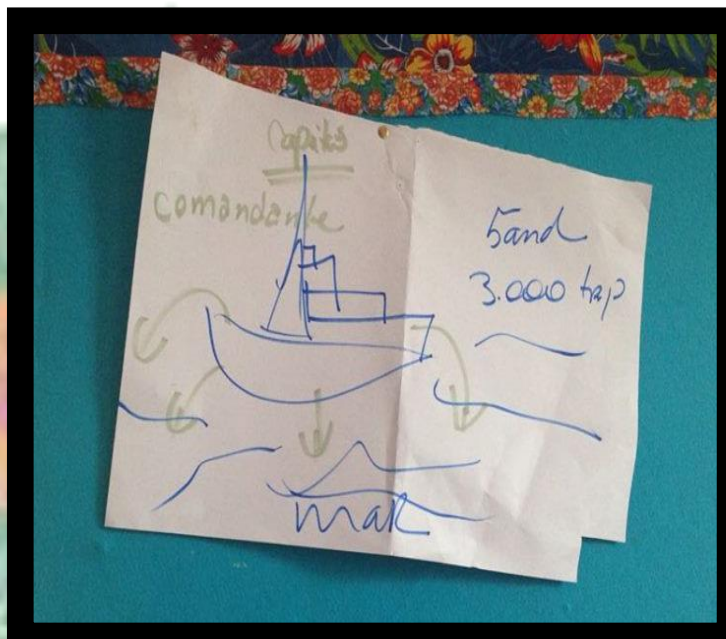
“No nosso navio tem um monte de coisa que a gente não tá entendendo. A gente precisa voltar a se entender.” Alessandra Ribeiro

“Nós não somos instituição, mas quando a gente criou isso era esse o objetivo. Ser uma instituição, nós sermos um lugar que forma sobre a educação étnico-racial todos os professores de Campinas. Quando a gente pensou educação, a gente pensou essa educação. Não a transmissão de saberes, a transmissão de saberes pra gente não tá pra gente na lógica da educação, porque transmissão de saber é parte do que eu já sou quanto matriz africana.”
Alessandra Ribeiro



“A gente sabe aonde a gente quer chegar, mas a gente tá na fase inicial. Esse projeto é pra 50 anos. Então todo mundo tem que entender onde ele tá, porque se a gente andar 20 anos com ele, quem chegar pra frente tem que saber pra onde esse navio tava indo.” Alessandra Ribeiro

“É, aquele barquinho... aquele naviozinho e eu falei assim pra eles: qual a percepção que eu tenho hoje do Jongo e da Roseira? Que nós somos um navio com três mil tripulantes dentro, cinco andares, no meio do mar. Só que nem todo mundo sabe quem é tripulante, quem é comandante, tá perdido. A cartografia me apontou isso, eu não tinha percebido isso.”
Alessandra Ribeiro



“A Roseira e o jongo são coisas diferentes. O jongo é tradição, no campo da tradição isso aqui não é problema. Agora o que a gente tá tendo que fazer aqui, entender que o jongo-tradição não tá igual Casa de Cultura Fazenda Roseira, porque a Casa de Cultura Fazenda Roseira precisa de uma gestão. Isso não é a dinâmica do jongo, não é a dinâmica do cântico e do ponto, aqui é lógico, estratégico, é empresa. Uma empresa afro com outra filosofia, mas é uma outra lógica, não é lógica do sentir, de como eu percebo. Não é isso, não tem perceber, tem estratégia, tem foco, tem da onde chegamos e o que queremos e como queremos [...] e é por isso que eu acho fundamental a gente tá com um barquinho ancorado” Alessandra Ribeiro



“A gente tinha que defender o território. Então a pessoa chegava aqui... ação, ambiental? Vai pro ambiente. Eu falava: desde que seja afro faz o que você quiser. Eles não sabiam o que estavam fazendo. Nós sabíamos! Nós sabíamos qual era o objetivo, mas nenhum deles teve o tempo da maturação de entender o que tava fazendo com aquilo. Porque era guerra, a gente queria ocupar o território.” Alessandra Ribeiro

“Jongo-tradição é uma dinâmica. Quando que venho pra isso aqui eu não to mais no jongo-tradição. Eu to no jongo dialogando roseira-gestão. Quais são os pilares que a gente entendeu que a gente ia fazer essa roseira para se tornar um espaço publico de gestão de uma comunidade de tradição? Nos acolhemos com duas leis, 10639 e decreto 3551/2000, é o que fez a gente pensar tudo aqui dentro.” Alessandra Ribeiro

“A gente quer técnicos, mas não excluir os nossos de transmissão de saber. A gente quer inclusive descobrir uma forma de fazer o nosso não-acadêmico, estar no mesmo lugar do mestre.” Alessandra Ribeiro



Repensando os projetos...



“Eu entendo o projeto Okearo como educação no sentido de passar o conhecimento do meio ambiente, da plantação, da parte verde. Educação porque o fato de você estar ouvindo uma história já engloba a educação e cultura porque não é contação de qualquer árvore e sim, da nossa tradição de matriz africana.” Bianca

“O Afrohacker é um projeto que ele tá para registrar todos os outros projetos, ele é uma base de registro. Além disso, ele também é educação porque a gente pensa em formar as pessoas para usar os equipamentos digitais. E cultura porque ele é uma ferramenta de registro e também tem um acervo digital.” Flávia Machado



“Duas Marias e uma Edite, é um projeto que articula educação, cultura, memória e passa pela questão ambiental. Ele nos provoca intervenção, interação, com os espaços.” Alessandra



“Eu entendo o Sou África em todos os sentidos é um tempo de formação que a gente tem em novembro dialogando com o meio ambiente, com a educação; dialogando com o meio ambiente porque a gente quando monta as exposições trás tudo, fruto, semente, árvore, planta... e a cultura, porque é o que a gente está falando mesmo.” Bianca



“O Centro de Documentação é uma base, ele gera conhecimento. A educação gera conhecimento que faz com que surja outros projetos, então como a gente colocou ali formação, qualificação e produção acadêmica, então o CEDOC ele cabe dentro de educação.” Dandwara



“o CEDOC, na minha opinião, ele fica como educação e meio ambiente. Porque meio ambiente para mim não é só árvore e planta, mas território, ambiente, intervenção e ele necessita de um espaço físico. Eu penso que ele é uma ferramenta direta da educação, mas ele também interage com ambientação, porque ele não é so virtual. Ele tem um espaço aqui dentro.” Alessandra

“O projeto Ossaim interage na questão do ambiente, da cultura por estar relacionado com cultura de matriz africana e a educação por questão de formação.” Maíra



“Culinária Afro, para mim perpassa pelos três pilares. Educação porque todos os projetos tem essa ligação com a lei 10639... e o meio ambiente, como espaço físico e também tem a necessidade da produção de alimentos e a cultura porque a culinária é uma prática cultural.” Lucas



“Para mim, o Pisa na Tradição engloba os três pilares. Cultura porque é Cultura Afro, Educação também porque de certa forma é uma formação e a gente ensina e, meio ambiente enquanto território e saberes ancestrais.” Juliana

“Educação Patrimonial eu vejo como educação mesmo, um ensinamento.” Maria Alice



“Eu entendo a Oficina de Turbantes como educação e cultura, em questão das histórias de onde, como faz, de onde veio o primeiro.” Flávia Tamires



“O Teatro do Oprimido, eu vejo educação como troca, educação no sentido de como a gente pode dialogar se sentir opressão; questão de cultura porque o teatro sendo do Oprimido ou não já é uma prática cultural, e o ambiente justamente pelo lugar que ele se encontra e também porque nas apresentações que a gente faz a gente usa folhas e coisas da natureza para auxiliar.” Bianca



“O Samba para São Jorge, eu penso como uma ação transversal que fala com os três pilares. Porque quando eu falo de Samba de São Jorge, eu falo de cultura, sincretismo, comida, educação; tô ensinando as pessoas isso, eu uso o ambiente porque não é um projeto que pode estar em qualquer lugar, ele precisa da nossa marca, então, o Samba para São Jorge é os três.” Alessandra



“Oficina de Jogos africanos, é cultura e educação porque ele é um aprendizado que pode ser levado para outros lugares” Flávia



“Percussão afro dialoga com educação e cultura, porque ele tem a forma de aprender e é cultura por causa que o tambor tem uma história e um jeito de tocar.” Felipe Dhamas

“Carnaroseira é uma ação bienal de carnaval que quem idealizou foram as mais velhas da casa; ele faz parte do meio ambiente porque ocorre nesse ambiente aqui, é uma educação patrimonial porque é a salvaguarda das mais velhas e cultura porque carnaval é cultura.” Flávia Machado



“Personagens ruas negras eu vou colocar em cultura e meio ambiente porque ele é uma reterritorialização de outros espaços com bandeirinha da nossa casa e ele avança na perspectiva do território externo, quando a gente fala que está em todas as ruas é porque nós nos sentimos representados por todas as ruas que tem nome de negro na nossa cidade. Ele é um desdobramento da Roda da Mãe Preta” Alessandra Ribeiro

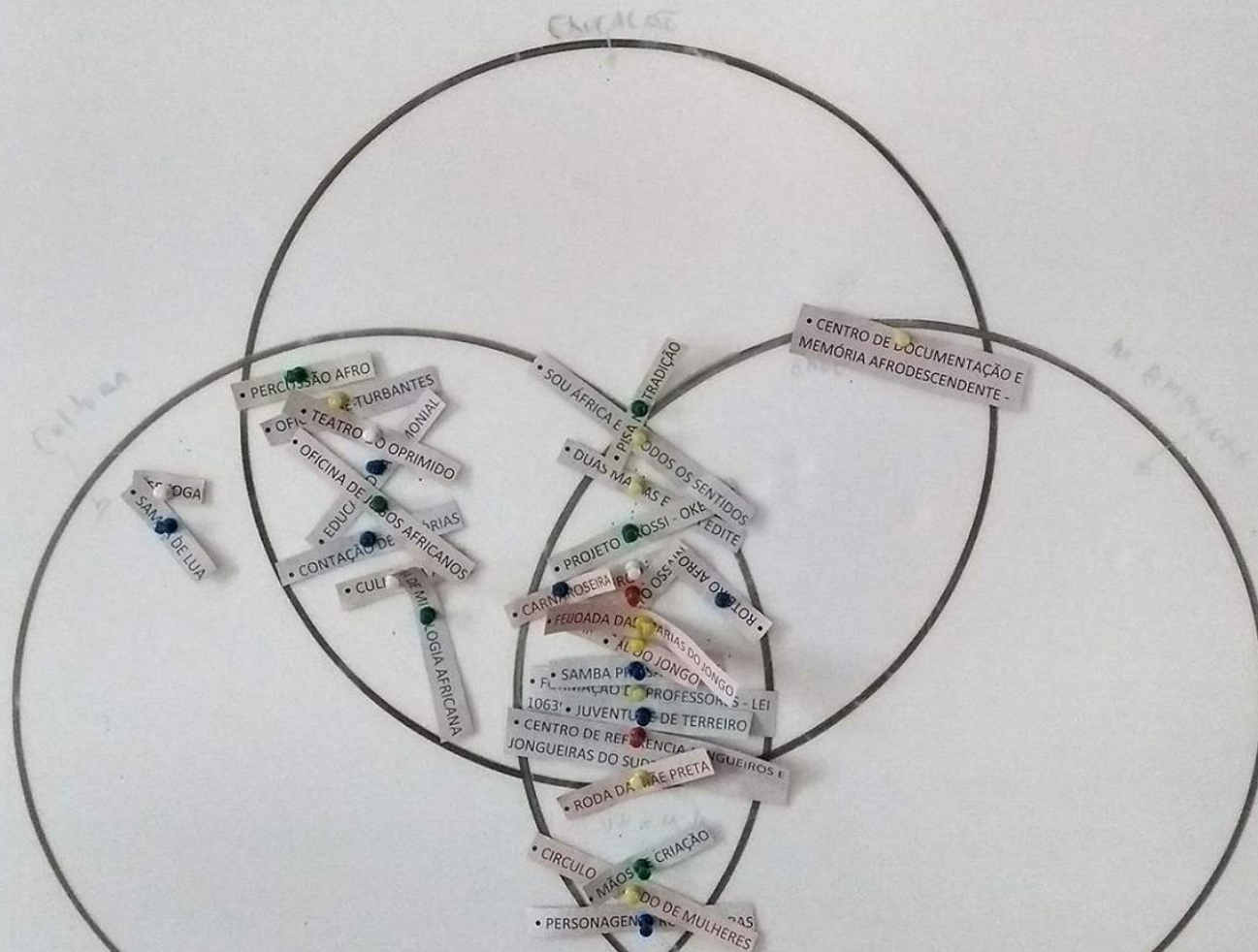


“Contaçõ de Histórias, é cultura e educação, porque através da história eles vão chegar a uma conclusão do que a história ta passando..” Maria Alice



MAPA MENTAL: RESIGNIFICANDO OS PROJETOS

Casa De Cultura F. Roseira
Comunidade Jongo Dito Ribeiro
AFRO/MATRIZ AFRICANA



PARCEIROS PRESENTES NOS PROJETOS DESENVOLVIDOS

PARCEIROS COMUNIDADE JONGO DITO RIBEIRO

Casa de Cultura Fazenda Roseira

Quilombo OMG **Ponto de Cultura Caminhos**
CLE **Cursinho Herbert de Souza** **PLP 's - Promotoras Legais Populares** **Superintendência do IPHAN São Paulo**
Urucungos, Puitas e Quijengues **Casa de Cultura Tainã** **Coletivo Aos BRADOS** **Juventude de Terreiro - RMC** **SARAVAXÉ**
Ponto de Cultura NINA **Terreiro Vó Benedita** **DPI - Departamento de Patrimônio Imaterial - Brasília** **IBAO** **Maracatuá**
FAGEO **Sarau das Mana** **CEFORTEPE - Coordenadoria Setorial de Formação - Campinas SP** **Sarau das Mana** **Sacierioule**
Savuru **Pontão do Jongo/Caxambú - UFF** **Rede de Juventude Jongueira do Sudeste**
Grupo Força da Raça **MALOCA** **ALAFIA - SP** **Marcha Zumbi dos Palmares** **Bateria Alcalina**
Carolinas - Coletivo Feminino de Fotografia **Templo de Ubanda Mãe Joana Três Estrelas**
Caixeiras da Guia **Desfazendo o Gênero - Paraíba** **Ilu Oba de MIN - SP**
Rede de Jongueiros Paulista **Bloco Berra Vaca** **Comissão Nacional do Pontos de Cultura**
Bloco Cupinzeiro **Senzala Hi -Tech - SP** **Mandato da Leici Brandão**
Lavagem das Escadarias de Campinas **Coletivo Vai-Jão** **Conselho da Comunidade Negra de Campinas**
ARMAC - Associação dos Religiosos de Matriz Africana da RMC **Rede das Casas de Culturas de Campinas**
Secretaria Municipal de Assistência Social **Conselho de Cultura de Campinas** **Virada Sustentável**
e Segurança Alimentar **Rede de Jongueiros Paulista** **Clube Recreativo Machadinho** **Rede dos Pontos de Cultura - Programa Cultura Viva RMC**
MIPID - Programa Memória e Identidade: Promoção da Igualdade **Diretoria de Ensino Leste - Campinas** **Escola de Samba Rosas de Prata**
na Diversidade na Rede Municipal de Campinas **Secretaria de cidadania assistência e inclusão social de Campinas** **Mandato do Vereador Carlão do PT**
Fórum de Educação e Diversidade das Relações Étnico- Raciais **Secretaria Municipal de Cultura de Campinas** **Rede Mocambos - A Rota dos Baobás**
Intersetorial NOROESTE **Faculdade de Educação - UNICAMP** **Programa Mais Educação RMC**
Capoeira IBECA **Coletivo Moinho** **Secretaria Municipal de Desenvolvimento** **Fórum de Cultura de Campinas**
Rede de Memória do Jongo/caxambú **Econômico, Social e de Turismo** **Comitê Gestor do Programa Cultura Viva Campinas**
Conselho do CONDEPACC - Conselho de Patrimônio Artístico **Juventude de Matriz Africana do Estado de São Paulo**
Cultural de Campinas **Bloco Bateria altaneira** **Sociais da Comunidade Afrodescendente de Campinas**
Juventude Quilombola do Vale do Ribeira - SP **Fronte das Mulheres Negras** **Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - UNICAMP**



A importância da Cartografia para autonomia e gestão comunitária...



Quando a gente viu no final do primeiro o mapa de tudo que a gente estava, foi quando bateu ao mesmo tempo, um medo de “opa, o que a gente vai falar para fora?”, porque o que a gente tinha de ponto comum efetivamente, era o Jongo. Todo mundo aqui é Jongueiro. Mas, quando a gente entra no universo da Roseira, a gente teve uma técnica de luta por tanto tempo fragmentada que ficava muito difícil para nós falar do outro.

Então, como que eu defino a Roseira? Então eu defino a partir da história, a partir da matriz africana, do áudio visual, do ambiental, educação mas a Roseira é uma só; como a gente alinha isso? Por isso, foi fundamental, ao invés de olhar para fora, focar o interno; e aí a frase “nunca é tarde para voltarmos atrás e buscarmos nossas raízes” faz sentido, a gente plantou nove anos coisas, então, quando a gente volta para cada projeto, a gente vê o que a semente plantada está virando.



Plano para curto, médio e longo prazo...



O terceiro fascículo pensa no futuro numa ação política concreta, que é o Plano de Salvaguarda, o projeto para a elaboração do Plano de Salvaguarda.

Isso é autonomia, é a consciência da política que fortalece.

Entender que a política não é título. Política de patrimônio é reparatória; é esse povo da Cartografia Social que começa olhar para seu território e entender que estamos sendo massacrados.

A Cartografia Social é uma ferramenta fundamental no patrimônio imaterial,

pois não é porque eu toco tambor que eu sou um patrimônio imaterial e isso deve ficar entendido, é esse nosso desafio para o Plano de Salvaguarda.

No Plano de Salvaguarda, a gente tem que fazer, por exemplo, que a Secretaria de Planejamento Urbano entenda que eu não quero que ela coloque um recurso x para Roseira, mas que ela entenda que quando a gente pede corte de mato 4 vezes ao ano, é ação de Salvaguarda. Porque se ela não corta minha mata eu não tenho visão, se eu não tenho eu estou vulnerável, se eu estou vulnerável e sofro um ataque eu não danço jongo, se eu não danço jongo acabou o patrimônio. Então, um corte de mata é política de Salvaguarda.

É esse o desafio que a gente entra em 2018 e esse amadurecimento e consciência que nós estamos no melhor momento, para contribuir para consolidar essa política foi a Cartografia que nos trouxe. Então, o nosso obrigada!

Liderança Comunitária – Comunidade Jongo Dito Ribeiro,
Dr^a. Alessandra Ribeiro

A autonomia como propósito e ação...

Ao nos debruçarmos sobre a dinâmica de uma comunidade que se intitula como tal não porque são irmãos de sangue, mas porque se sentem irmãos na ancestralidade, no desejo que os liga de vencer seus desafios e serem valorizados na sua integralidade, nos deparamos com uma palavra que é, em si mesma, processo e produto desta diáspora: a autonomia. Como pensar a autonomia e fazê-la real num mundo globalizado economicamente e que preza pela coisificação das pessoas e de suas ações? Como ser autônomo se, no jogo político, a liderança nem sempre representa o desejo da maioria?

Desta forma, para uma comunidade discutir de maneira madura a sua autonomia, antes de tudo, precisa ter consciência da sua identidade, ser sabedora da sua trajetória, ter conhecimento de suas fragilidades e desafios e, olhar para o futuro entendendo-o como parte do presente que traz em si, o passado. Essas características adjetivam muito bem a Comunidade Jongo Dito Ribeiro. Esta comunidade não se intimidou ao se jogar no chão para cartografar a sua identidade, não titubeou em perceber a rede em que estava, não se intimidou ao reconhecer que, estar na rede não é sinônimo de pertencer a ela, daí o desejo de voltar “para a casa” e mapear a Casa da Cultura Fazenda Roseira, ressignificando planos e ações e, por fim, de forma muito natural, a tomada de consciência de que ser autônomo é saber, antes do tudo, qual o lugar político que ocupa.

Nesse interim, qual o papel da Cartografia Social? Certamente foi despertar em cada um de seus integrantes, o fato de que o território não é o espaço geográfico que ocupa, mas, é resultado das relações que estabelece no espaço e a forma como enxerga essas relações. Ser sujeito de sua própria História é mais que saber narrá-la em detalhes, mas poder se apropriar dela com maestria por saber a contribuição que deixa para os seus e, ao mesmo tempo, leva em si. Desta forma, todos os mapas gerados foram resultados de um processo de reflexão, de (re)enxergar o que viam, de (re)estabelecer novas diretrizes. O mapa, nesta situação, é locutor de uma mensagem e reverbera o coletivo.

Como a História da humanidade é dialética e paradoxal, aqui o mapa também assume esse papel: se antes foi instrumento de dominação e poder, hoje, ainda sem deixar de sê-lo, ampliou a sua perspectiva de uso ao chegar em diversos grupos sociais e comunidades que anseiam para dar voz ao que sabem ser verdadeiro nas suas vidas cotidianas: o território que ocupam e que, portanto, é experienciado de diferentes formas.

Neste cenário não há dúvidas: a Cartografia social pode e deve contribuir para a maior autonomia das comunidades urbanas e, assim como a Comunidade Jongo Dito Ribeiro, compreender que todo propósito se transforma em ação quando temos mais mãos juntas; não sobrepostas, mas conectadas no mesmo sentido e significado. Assim, de ação em ação, construiremos um futuro mais diverso na culturalidade e mais humano no entendimento de que é na riqueza cultural que nos unimos uns aos outros.

Profª. Drª. Vera Lúcia dos Santos Placido



REALIZAÇÃO

